

Corpo, mente e memória: por isso, escrevo - Entrevista com Luís Fulano de Tal

Sílvio Roberto dos Santos Oliveira¹ , Luís Carlos de Santana²

¹ Universidade do Estado da Bahia - Brasil. ² Secretária Municipal de Educação do Município de Oiapoque-AP - Brasil

*Autor de correspondência: outrasliteraturas@yahoo.com.br

SUBMETIDO: 28 de abril de 2023 | **ACEITO:** 28 de abril de 2023 | **PUBLICADO:** 30 de abril de 2023
© ODEERE 2022. Este artigo é distribuído sob uma Licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Prezado Escritor e Prof. Luís Carlos de Santana, desde já agradecemos à sua generosa disposição em dialogar conosco.



1 Entrevistador:

Quem é Luís Carlos de Santana e quem é Luís Fulano de Tal? E por que resolveu escrever? A resposta estaria na voz de Gonçalo em A Noite dos Cristais? “Por que resolvi escrever? Porque quero que saibam que em um passado não distante, homens vendiam outros homens, e que o futuro saiba que houve um tempo onde homens se sentiam mais humanos que outros.”

R:São duas faces da mesma pessoa. O Luís Carlos, o anônimo, é um cara comum desses que vivem por aí aos milhões pelo país. Negro, pernambucano de nascimento, filho de pais analfabetos e destinado a trabalhar nas fábricas como operário especializado. Eu era um bebê de meses quando a família saiu de Pernambuco em cima de um caminhão pau-de-arara, na busca de dias melhores em São Paulo de 1960. Fugíamos do racismo, da pobreza e do analfabetismo. Sou um autêntico pau-de-arara, legítimo. Quando acordei para o mundo estava em São Paulo, no bairro da Vila Maria, onde vivi até os treze anos. Minha família trouxe na bagagem a coisa da contação de histórias dos nordestinos. Minha mãe, meu pai, meus primos e tios que chegaram depois, minha avó (com quem convivi por

pouco tempo) contavam histórias de assombração, de lobisomem, de casas assombradas, de senhores sanguinários com seus escravos e que depois de mortos voltavam pra assustar o povo, de vampiros, de tesouros enterrados, de Lampião e de Maria Bonita, de Zumbi dos Palmares (minha mãe nasceu em Serinhaém, sul de Pernambuco, área de influência do Quilombo, e passou a vida inteira ouvindo aquelas histórias) E as histórias de cordel, que todo mundo contava e sabia um pouco. Meu ouvido de menino cresceu ouvindo essas narrativas. No frio ou na garoa, tomávamos chá mate com bolinhos de chuva, e pedíamos:

- Mãe, conta aquela história, conta? Ela respondia:

- De novo? Depois não quero neguinho pra meu lado chorando de noite assombrado. Aí dormíamos agarrados, cobríamos a cabeça e os pés com medo do homem que batia no próprio pai já velho, e que depois virava bicho. Outro fator preponderante para rabiscar papel foi a escola pública dos anos sessenta e setenta, pois ainda não havia esse horror chamado escola particular, que à época era pouco ou nada valorizada. Hoje a escola pública, por interesses políticos, está destruída. Outro fator importante foi o fato de que por não saber ler, minha mãe fazia questão de que estudássemos e nos comprava gibis, revistas, livros, coletâneas, fascículos, dicionários e jornais para que lêssemos pra ela. Meu pai lia, tinha o primário completo. Era o único filho de uma família de onze irmãos que sabia ler. Todos os meus tios eram analfabetos, ou aprenderam um pouquinho no Mobral. Filho caçula, foi trabalhar como guia de cego pelas ruas do Recife. Um dia o cego perguntou:

- Que rua é essa?

- E eu sei?

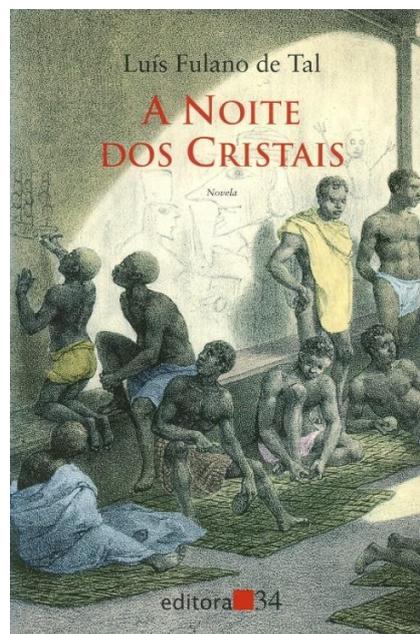
- Olhe na placa, está escrito.

-Sei ler não.

-Então você é mais cego do que eu. E colocou meu pai na escola.

Quando dominei a escrita, passei a ser o escrevedor de cartas pra família. Ela ditava, eu escrevia. É como essas cenas que aparecem nos filmes. Acho que ali foi a semente de tudo. Passei a gostar de ler e escrever. Lia literatura brasileira de base na escola. Era Jorge Amado, Graciliano, Machado de Assis, José de Alencar, livros da Série Vagalume e vai por aí. Aí um dia eu pensei: Um dia eu vou escrever um livro. E repetia pra mim mesmo: Um dia eu vou escrever um livro. Era

uma ideia só minha, nunca contava pra ninguém: Um dia eu vou escrever um livro. Mas você é filho de operários, mora em São Paulo, Guarulhos, cidade dormitório. E o maior sonho dos pais na época, era tirar o filho da rua pro cabra ir pro SENAI fazer um curso de mecânica, aprender uma profissão e ser um operário nas fábricas. Lá fui eu. Eu não tinha o mínimo talento, e por conseguinte não tinha interesse. Nunca fui bom naquilo. Ou melhor, era péssimo. Daí fui Auxiliar de Serviços Gerais, Aprendiz do Senai, ½ Oficial Mecânico de Manutenção, Escriturário, ½ Oficial Mecânico, Entregador de Avisos, Auxiliar de Topógrafo, Vigilante, ½ Oficial Ajustador Mecânico, Inspetor de Qualidade, Servente, Comim, Garçom e Professor que é a minha profissão de fé. Um cara que nasce em família pobre, nunca vislumbram pra ele ser um escritor. É longe da nossa realidade. Luís Fulano de Tal nasceu de teimoso, da obstinação, de brigar por um espaço, de uma luta, da realização de um projeto pessoal, de um querer, de uma vontade e de uma força interior. O seu próprio meio nega essa possibilidade, e vê tudo como uma utopia. Você nasceu pra trabalhar, não pra escrever. Mas escrever é um trabalho. Um trabalhão que nunca acaba. Luís Fulano de Tal ainda está se realizando.



2 Entrevistador: No mundo contemporâneo, a violência racial opera por formas, se não inéditas, diferentes das do século XIX. O século XIX te interessa muito e reflete algumas temáticas de sua literatura, mesmo aquelas que repercutem no século XX e nessas primeiras décadas do XXI. Acredito que uma dessas temáticas, que apresenta as tensões raciais como fundo, seja a migração. Migração de

sujeitos de um continente a outro, de uma região a outra, do Nordeste ao Sul/Sudeste, de certo modo quase sempre forçadas, seja pelos mecanismos de escravização, guerras sociais ou carências econômicas. Qual a importância desses movimentos migratórios (de “soldados desconhecidos”, de povos, corpos ou subjetividades) na sua expressão literária?

No meu ponto de vista, acho que a grande oportunidade que tivemos como nação, e de construir uma sociedade inclusiva, foi com a Abolição da Escravidão. Mas com a Proclamação da República, que foi um golpe articulado por militares, senhores de engenho e capitalistas, milhões de africanos e seus descendentes saíram da escravidão e das senzalas direto para as delegacias de polícia, hospícios, Casas de Correção, orfanatos, Casas de Misericórdias, leprosários, necrotérios etc , sem nunca passar pela cidadania plena. Tento fazer uma literatura plasmada na História do Brasil. O que escrevo é arquitetado através de pesquisas em arquivos e autores de história e sociologia. Todos os meus escritos têm como base a história, é a partir daí que eu elaboro meus trabalhos. Não tenho outras propostas temáticas, a minha inovação se dá na estética e construção do texto. Tenho sim como tema a migração de pessoas de um continente a outro, de uma região a outra, do Nordeste pro Sul/Sudeste. A humanidade vive numa transumância fugindo de guerras imperialistas e religiosas, ditaduras opressoras, colonialismos, cataclismas e à procura de melhores dias e locais por viver pelo mundo. Sim, falo desses temas pois sou produto desse fenômeno social. Como já disse, sou um dos milhões de nordestinos que saíram de suas origens à procura de novas possibilidades de vida, e se espalharam por todos os cantos do país. Nos últimos cem anos, as capitais e principais cidades do Brasil foram erguidas no muque de peão do Nordeste, São Paulo, Rio, Belo Horizonte, Brasília, Curitiba etc, etc. Oferecemos nossa inteligência e nossa força de trabalho. Nos meus escritos, não falo apenas dos povos negros do Brasil. Não estamos sós. A partir do ponto de vista de um autor negro, falo dos povos indígenas, que é o maior patrimônio do Brasil, e há quinhentos anos vem sendo sistematicamente massacrado. Falo também dos portugueses, espanhóis, japoneses, italianos, alemães, árabes, chineses, ciganos, poloneses, judeus, húngaros e de outras nacionalidades e povos que vieram engrandecer e formar o Brasil. Todos que aqui chegaram foram

contemplados com as benesses sociais oferecidas na época como terras, fazendas, sítios, glebas e trabalho nas fábricas e repartições, empréstimos e financiamentos a fundos perdidos. Mais ou menos todos se estabeleceram, de uma forma ou de outra estão pelo país, formam a classe média e são médicos, militares de alta patente, advogados, juízes, são do clero, proprietários, industriais, grossos capitalistas e financistas. Todos se beneficiaram do momento histórico criado por políticas públicas de exclusão social de grande parcela da sociedade, e de teorias racistas e higienistas importadas. Viram que era bom. O país é dividido. A última eleição marcou bem a situação, retrato em preto e branco. Temos um Brasil Norte /Nordeste, e um Brasil Sul/ Sudeste. Estamos divididos. As camadas afro-indígenas, mestiças e brancas pobres herdaram as favelas, as invasões, as baixadas, os mangues, os morros, as escarpas, as escolas e hospitais públicos sucateados, o desemprego e os baixos salários, a falta de saneamento e a violência policial. O pogrom não acabou. O pogrom continua. Meus escritos falam do passado, mas na verdade o diálogo é com o presente. O passado é apenas um pretexto, um mote. Meus personagens são malungos dos personagens de autores como Ana Maria Gonçalves, Ademiro Alves (Sacolinha), Allan da Rosa, Fausto Antônio, Jussara Santos, Paulo Lins, Jeferson Tenório, Cuti, Heloisa Pires, Márcio Barbosa, Leda Maria Martins, Ferrez, Itamar Vieira Júnior e muitíssimos outros que estão por aí espalhados, na lida da escrita e na luta por sair do anonimato e ser publicado, e que ainda nem tiveram a chance de ao menos uma entrevista como esta. É como diz o Drummond: O tempo presente. A vida presente.

3 Entrevistador: No século XIX, houve diversos tipos de rebelião. Quase todas iniciadas pela fuga, que pareceu corresponder a ato de coragem, de reformulação. A fuga pode ser entendida assim como como contestação? Rebelião do indivíduo, um diálogo inconformado com a coletividade? Talvez contra os instrumentos de controle e morte? Este ou outro entendimento, no conjunto de todos os possíveis, também te moveu na gênese de *A Noite dos Cristais*?

Eu sempre pensei desde de garoto, que no tempo da escravidão negra no Brasil alguém em algum lugar tenha dito não àquela situação. Um homem ou uma

mulher tenha reagido de qualquer forma contra a escravidão, que era uma forma de negação da nossa humanidade, para termos os nossos corpos explorados à exaustão nos trabalhos do ciclo da cana, da mineração ou do café a fim de construirmos riquezas colossais para as famílias escravagistas e proprietárias. Nunca acreditei que ninguém nunca tivesse reagido. Nas escolas, por falta de preparo dos professores, não tocam no assunto da resistência negra, e só nos falam da Princesa Izabel, A Mãezinha dos Escravos, que tinha olhos azuis, era profundamente cristã, gostava muito dos pretinhos, e assinou a Lei Áurea com uma caneta cravejada de diamantes. Rebeliões, assassinatos de senhores, suicídios, abortos, sabotagem dos trabalhos, fugas individuais, criação de mocambos e quilombos eram algumas das diversas formas de resistência.

Quando me propus a escrever o trabalho, pensei na Revolta dos Malês, entre uma das várias rebeliões que eu poderia ter escolhido como tema. Para minha surpresa eu perguntava para as pessoas se elas conheciam ou já tinham ouvido falar da Revolta do Malês. Gente negra dizia que não, professores diziam que não e acadêmicos diziam que não. Aí vi que era um bom tema por ser explorado, pelo fato do seu ineditismo. Foi o que eu fiz. Acho que estreei bem. O meu primeiro romance *A Noite do Cristais* foi premiado no Projeto Nascente -1995 em uma parceria da USP e Abril Cultural, e teve a chancela de Alfredo Bosi, Pierre Verger, Mary Del Priore, Oswaldo de Camargo, Maria De La Concepción Pinero Valverde, Wilsom do Nascimento Barbosa, Fernando A. A. Mourão e Hudinilsom Urbano.

Quanto ao tema da fuga, era um artifício muito usado pelos escravos que se embrenhavam pelos sertões da terra pra fugir da escravidão. Alguns mais sortudos eram aceitos e conviviam com alguns povos indígenas. Os quilombos estão espalhados por todo o território do Brasil. O Mário de Andrade já dizia no seu Prefácio Interessantíssimo. "Toda canção de liberdade vem do cárcere." O samba e hoje o RAP são as músicas mais ouvidas nas cadeias, distritos, hospícios e manicômios do Brasil.

4 Entrevistador: O genocídio também se dá na decomposição das culturas, dos sonhos, dos imaginários ancestrais. Esse foi um dos processos de destruição assumidos por colonizadores através de forças políticas, militares ou mesmo religiosas. A utopia é mais do que futurismo, mas não deixa de estar relacionada a

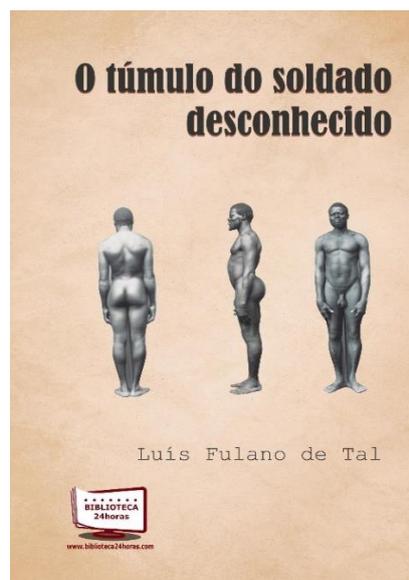
uma ideia de futuro, talvez apropriada e melhor esquematizada pelo viés marxista. As utopias da negritude, ou mesmo indígenas, que inevitavelmente atraem o seu labor literário, impulsionariam talvez um sentido de utopia sinônimo de esperança? Cabe dizer que sua obra também é um discurso de esperança, embora não tão óbvio?

Penso que duas forças colossais que se contrapõem no mundo, tiveram a África como campo de batalha. No primeiro momento, o islamismo promovendo a Jihad, vai ocupar todo o norte da África até as franjas do Saara. Do ano 700 até o ano de 1400, a África foi varrida por guerras religiosas e expansionistas do Islão. Foram 700 anos de guerras, conflitos, escravidão e islamização de povos antes milenarmente animistas. Do Sudão partem os primeiros africanos escravizados via Egito a caminho da Arábia. Ainda hoje são conhecidos os conflitos e guerrilhas praticados por grupos jihadistas e fundamentalistas como o Boko Haram por todo o oceano Índico, com incursões armadas em Moçambique, Tanzânia, Somália ou Etiópia. Também na África Atlântica ocorrem os mesmos episódios na Guiné, Costa do Marfim, Nigéria e Angola.

Já a partir do ano de 1420, com as grandes navegações os portugueses, espanhóis, ingleses, franceses, holandeses e outros europeus começam a explorar a costa atlântica africana. Trazem o catolicismo, o protestantismo, as guerras, a escravidão e as cruzadas de evangelização. E os africanos, milenarmente animistas, passam a conhecer o cristianismo. A África é varrida por guerras de religião. Exércitos africanos islamizados lutam contra os cristãos e caçam escravos. Exércitos africanos cristianizados lutam contra muçulmanos e caçam escravos. E esse embate vem até o século XIX com a partilha da África despedaçada e dividida em postas entre os ingleses, franceses, alemães, portugueses, belgas, italianos e espanhóis, que dizendo ir civilizar e evangelizar ficavam com as terras, o marfim, as peles dos animais, o ferro, o ouro, os diamantes, as pérolas e os escravos. Com a Diáspora, os povos africanos foram espalhados pelos quatro cantos do mundo, e em qualquer lugar onde esteja, a gente negra tem que lutar por seu direito à humanidade que lhe é negado. E essa negação cria a resistência. E com sua inteligência, a gente negra em qualquer lugar do mundo recria a sua cultura e influencia sociedades. Faço um parênteses aqui, e cito o jovem professor Carlos

Eduardo Dias Machado que escreveu o livro *Ciência, Tecnologia e Inovação Africana e Afrodescendente*. Onde fala da produção de conhecimento da humanidade que dava os seus primeiros passos no Grande Vale do Rift na África, desde o *Homo habilis* que fabricava ferramentas em 2,3 milhões anos a.C, passando pelo *Homo ergaster* que fazia da pedra machado há 1,5 milhão de anos a.C, e pelo *Homo erectus* que começou a utilizar o fogo em torno de 800.000 a 600.000 anos a.C. E de lá passando por todas as épocas, mostrando a enorme contribuição dos povos africanos para a evolução do gênero humano, desde priscas eras até nos dias de hoje, elencando ao final os nomes de negras e negros ganhadores do Prêmio Nobel.

Assim a utopia é necessária, um *locus amoenus* paradisíaco e idílico é necessário. Não como uma fuga e alienação. Mas desse mundo utópico e sonhado, de lá pensarmos formas, estratégias e ações que influenciem e modifiquem a nossa realidade. A arte é uma possibilidade. A literatura é uma possibilidade.



5 Entrevistador: Luís Fulano de Tal se vê como um sujeito em migração? Esse sujeito enxerga ou teme as ameaças cotidianas aos corpos negros? Qual o papel da literatura para o escritor negro/nordestino?

Caso eu entenda um sujeito em migração como aquele que vai de uma região à outra à cata de novas oportunidades, sim, eu sou um sujeito em migração. E posso entender também um sujeito em migração, como aquele que muda de

ponto de vista e de pensamento. E digo sim, sou um sujeito em migração de corpo e mente.

O Brasil é um país extremamente violento. As relações sociais são baseadas na violência. A hegemonia política e econômica é mantida com a violência. A não educação, a não saúde, a não moradia, o não saneamento etc são formas de violências estruturais e de alienação social. A polícia é violenta, o judiciário é violento. A ordem é mantida com a violência mais brutal, e vemos isso todos os dias nas mídias em geral. E os sujeitos negros, favelados e periféricos, historicamente deserdados e excluídos das benesses nacionais de cargos, salários e penduricalhos somos vistos como o outro, o miliante, o sujeito perigoso e o elemento por ser contido ou abatido. Todo cara negro no Brasil já tomou alguma vez baculejo da polícia. Os que têm sorte sobrevivem. Evito certos lugares e certos horários. Evito riscos, mas nem sempre é possível. Pela contingência da vida somos obrigados a frequentar bairros e lugares, que nem sempre são bem vistos pela lei. Ou quando frequentamos bairros lindos e bacanas, somos abordados e indagados: Por que estamos ali? Ora, é visível e está na cara. Não somos nós os negros, periféricos e moradores de favelas e aglomerados urbanos que desviamos verbas destinadas à educação, saúde, saneamento, habitação, previdência etc. Não temos cargos nos primeiros escalões dos governos, não dirigimos estatais ou autarquias, não somos ministros, juízes, governadores, senadores, deputados, corregedores, procuradores, nem bispos, nem generais. Estamos sempre na portaria, na segurança ou na cozinha no serviço de café. A literatura para mim é uma forma de recriar o mundo. Ela é acessível, individual, silenciosa e pode ser elaborada numa mesa colocada em qualquer canto de um cômodo iluminado. Uma forma por mim encontrada de expressar o universo de um cara negro, pernambucano e filho de trabalhadores pobres. Você tem que se meter a besta pra mudar a sua realidade. Existe um livrinho intitulado: *Por que escrevo? Mistérios da Criação Literária*, organizado por José Domingos de Brito. Ali, dezenas de escritores já falecidos como José J. Veiga, Darcy Ribeiro, Clarice Lispector, ou vivos como Raduan Nassar, Ignácio de Loyola Brandão ou Wole Soyinka tentam explicar por que escrevem, e fazem da literatura a sua profissão de fé. Caso me fosse perguntado, eu responderia: Escrevo porque não sou loiro, se eu fosse loiro teria

muito mais coisas a fazer na vida, e não ia me meter com escritas e leituras, que dão um puta trabalhão e não dão grana.

6 Entrevistador: Quais os projetos do professor Luís Carlos de Santana? Onde habita e leciona ultimamente? Como o professor enxerga o escritor ou nem há esse distanciamento?

Como projeto de escrita estou escrevendo um romance intitulado *Histórias Havidas e Acontecidas de Ojotalabi, o Adamastor, o Coisa, o Ladrão de Palavras*. Penso que seja o meu maior projeto literário. É longo, de fôlego, inovador na tessitura do texto, e para mim um desafio. É ambientado na Bahia colonial de 1530 e termina com a Inquisição de 1591. Esse trabalho foi pensado logo quando terminei de escrever a *Noite dos Cristais* em 1995, portanto são 28 anos de pesquisas interrompidas e reiniciadas. Ele seria o meu segundo trabalho literário. Ficou de lado quando fui fazer o meu mestrado em História Social na FFLCH-USP, entre os anos de 1999 e 2002. A pesquisa foi feita nos arquivos, na biblioteca, no SAME- Serviço de Assistência Médica e Estatística, e nas *Memórias de Assistência aos Psicopatas do Hospício do Juqueri*. Versava sobre loucura e escravidão, e procurava enxergar as teorias racistas e higienistas chanceladas pelos médicos nos prontuários de pacientes negros, internados naquela instituição total entre 1898 (A inauguração estava prevista para 1897, mas não se deu por conta da Guerra de Canudos) e 1930. A Dissertação foi apresentada, fiquei com o título, mas ela nasceu nati-morta, e foi parar nos arquivos. Não me dei por contente com o resultado, pois tinha um calhamaço de informações que por questões acadêmicas, não caberiam numa dissertação. Em dezembro de 2005, toda a biblioteca e os arquivos do Juqueri foram destruídos com um incêndio.

Deixei a academia, continuei na vidinha de professor de escola pública, e fui escrever o romance intitulado *Juqueri, o espinho que cura*, rejeitado pelas editoras e publicado por minha conta e risco no Clube de Autores. Continuava nas escolas públicas. Fiquei cansado daquela vida de pegar ônibus, trem, metrô, lotação para ir de uma escola pra outra e das greves anuais que terminavam no bico do coturno e no bafo do cachorro. Já tinha cinquentão, e não tinha nada na vida a não ser um projeto de escrever livros. Radicalizei. Em 2011, pedimos exoneração de cargo,

e eu e minha mulher Lucineia viemos morar nos confins da Amazônia, no Amapá, na cidade de Oiapoque, divisa com a Guiana Francesa. Vim trabalhar como professor de francês na escola pública, e ela como professora de literatura brasileira na Universidade Federal do Amapá. Não pego mais transporte público, vou a pé para o trabalho, e preparo as refeições em casa. Aos sessenta anos na vida, um minuto é muito mais importante do que um dólar, um euro ou um real. E todo o meu tempo livre tenho usado na escrita.

Aqui refiz o romance *Juqueri*. Fiz uma lipoaspiração literária no texto, diminuí 80 páginas, encurtei e tirei partes que excediam. O romance ficou mais leve, mais ligeiro, de fácil leitura, e o título foi mudado para *Tu tá doido, nego?* Continua na gaveta, e ganhou um super prefácio do professor Carlos Eduardo Dias Machado.

Com o mesmo material da pesquisa do *Juqueri*, escrevi um outro romance intitulado, *O Túmulo do Soldado Desconhecido*. A história do sujeito, eu achei nos arquivos do *Juqueri*. É a história verídica de Antônio, um homem negro quilombola do Pará que se alista no Exército, participa da Guerra de Canudos, luta contra os conselheiristas, e volta herói para o Rio de Janeiro. Depois participa na selva Amazônica da Guerra do Acre contra os bolivianos. De volta ao Rio, não tem sua cidadania e direitos reconhecidos. Ele passa o resto da vida lutando por seus direitos, enfrentando mesmo os tribunais. E sendo dado como doido de pedra, vai se tornar um doente psiquiátrico com mania militar. O romance mereceu a quarta capa escrita pelo professor Alfredo Bosi. Foi rejeitado pelas editoras. Publiquei por conta e risco em 2017 pela Editora Biblioteca 24 Horas.

Com a pandemia de COVID no ano de 2020 fiquei trancado e com medo. Todos diziam que o danado do vírus só matava gente com mais de sessenta anos. Fiz as contas e concluí que eu estava na alça de mira dele. Não saía pra nada, estava empregado como professor contratado de literatura brasileira da Unifap, e fiquei trabalhando de casa. Daí eu pensei, já que eu vou morrer, deixa eu escrever. Escrevi o romance *O Túmulo do Candango Desconhecido*. É curto, tem cem páginas, e conta a história do massacre de trabalhadores na construção de Brasília, no sábado de Carnaval de fevereiro de 1959. No mesmo ano escrevi outro romance, e intitulado *Memórias de um Policial*. Também tem cem páginas, e num grande painel histórico, narra em primeira pessoa de como foi a instalação da polícia no Brasil no ano de 1808, articulada nos moldes da polícia de Lisboa, para

proteger D. João Sexto e a Família Real. E tendo como alvos principais punguistas, estelionatários, falsários, fazedoras de anjinhos, marinheiros estrangeiros, escravos fugidos, quilombolas, revolucionários de todos os matizes, jornalistas, capoeiras e a mais fina flor do nascente samba pelo temido delegado Chico Palha. Ele não prendia, só batia. No mesmo tempo escrevi também um conto de 20 páginas intitulado 2066. É uma distopia afrofuturista e ficção científica, e que tem como alter-ego a pandemia de COVID, tendo como palco principal a cidade de São Paulo.

No momento, trabalho em contrato em uma escola pública municipal como professor de francês para crianças. O professor e o autor convivem muito bem, são duas mentes no mesmo corpo, se acomodam e dividem o espaço, interagem, mas cada uma tem a sua prioridade e o seu tempo exclusivo.

7 Entrevistador: O que mais nos diria se tivéssemos sabido questionar? Pode tratar aqui de questões que não oportunizamos ou daquilo a mais que gostaria de abordar. Mais uma vez, agradecemos.

Apresentei os livros pra duas editoras paulistas e duas baianas, vamos ver. Coloquei os livros na Amazon, estão lá, bora ver. Penso em parar de escrever romances, são anos e anos de dedicação exclusiva, e os resultados são mínimos, pífios. Tentei dar uma contribuição, vale. Mas dá muito trabalho ser um imortal. São escolhas, você toma uma posição e vai em frente. Tentei viver como professor por trinta anos, é maravilhoso como realização pessoal. Mas tem muitas armadilhas pelos caminhos. Não existe política pública de educação no Brasil. Ou melhor, existe política para que não se tenha uma boa educação pública. Não se quer escolarizar as massas trabalhadoras. Nossas escolas são deploráveis, tacanhas. Chão de terra, paredes de barro e telhados de palha. Falta luz, falta água, falta merenda e falta professor, que saiu pra arrumar dinheiro emprestado pois faz três meses que não recebe, e precisa fazer compras e pagar o aluguel. Estamos atrasados cem anos. Não vamos para lugar nenhum. Jogamos os nossos talentos na lata do lixo, desperdiçamos inteligências. Os filhos das classes privilegiadas já nem estudam no Brasil. Vão pra fora, voltam pra administrar os bens de família, não falam português e detestam a cultura do país. As classes privilegiadas detestam as

coisas da terra. Querem ser europeus, ou americanos, desdenham a nação, são subservientes aos estrangeiros, e opressores com a gente do lugar. Mas são rejeitados lá fora, não são aceitos, e são vistos como um bando de mestiços brasileiros, desajeitados e com algum dinheiro pra gastar. Um milionário americano ou europeu defende a cultura da sua terra. Um milionário do Brasil, iludido, nega a sua própria origem e história, o que para os gringos é sinal de fraqueza e pouca força moral, uma vez que são bastante nacionalistas, e prezam o seu passado, identidade e história. Os ricos brasileiros padecem de mazombismo. São mazombos, são tristes por serem brasileiros. Vivem sonhando em ser o que não são. Tiram passaportes e dupla cidadania. Procuram o elo perdido. Fecham bibliotecas, cinemas e centros de pesquisa. Abrem estacionamentos, clubes de tiro, igrejas, farmácias e adegas. Promovem a barbárie e a violência contra a população, daí tiram os seus lucros. Por isso o medo está instalado no país.

Por isso escrevo. E sempre alguém vai cometer um poema ou rabiscar um romance. Agradecido.